Histórias ainda Não Contadas

Roque de Barros Laraia

Na história do contato entre índios e brancos os sertanistas têm desempenhado um papel extremamente importante mas que possui poucos registros escritos. Isto porque raramente passam para o papel o relato de suas atividades. José Porfírio de Carvalho(*) fugiu a esta regra e colocou em um livro as suas experiências junto aos Waimiri-Atroari quando resolveu contar a "história que ainda não foi contada". Isto é, o relato da "pacificação" dos Waimiri-Atroari e o seu apressamento pela construção da rodovia BR-174 que liga Manaus a Boa Vista. E, principalmente, a morte do indigenista Gilberto Pinto Figueiredo, ocorrida em 29 de dezembro de 1974.

O livro peca pelas excessivas repetições, como, por exemplo, o massacre ocorrido em outubro de 1974, que foi narrado três vezes, e pela fragmentação dos parágrafos, mas é preciso considerar que o Autor advertiu, na página 3, que "não se trata de nenhum trabalho com pretensão científica ou acadêmica, trata-se de depoimentos pessoais sobre fatos que testemunhei e de resumo sobre o resultado de exaustiva pesquisa bibliográfica e documental. Por isto, ao escrever este trabalho, não sigo nenhum chavão estético comumente usado, escrevo e narro os episódios de forma como pesquisei e da maneira que costumo contar estórias". Tal explicação justifica porque na parte histórica do contato faltam as referências bibliográficas que permitiriam aos interessados consultarem as mesmas fontes que o Autor. Respeitando, portanto, a intenção de Carvalho é que vamos concentrar as nossas atenções apenas em seu valioso depoimento.

A história do contato entre os índios denominados Waimiri-Atroari e os brancos é uma sucessão de fatos desastrosos, para não dizer criminosos, iniciados no século XIX. Foram nume-

(*) José Porfírio F. de Carvalho, WAIMIRI-ATROARI — A HISTÓRIA QUE AINDA NÃO FOI CONTADA, edição do Autor, Brasília, 1982.

rosos os massacres cometidos pelos brancos que, a todo custo, pretendiam usurpar as terras dos aborígines. Terras estas situadas desde as margens do rio Urubu, afluente do lado esquerdo do rio Negro, até a foz do Jauaperi, subindo por esse rio até a bacia do Alalau, onde hoje se concentra a maior parte da população Waimiri-Atroari. As agressões sucessivas do branco explicam o comportamento excessivamente arredio e agressivo adotado pelos Waimiri-Atroari até o final da década passada.

Carvalho narra a atuação do Serviço de Proteção aos Índios que, em 1917, instalou um posto indígena no lugar denominado Mahaua. Este posto foi destruído pela ação criminosa do comerciante Edgar Penha, que com seus capangas espancou e provocou a morte do encarregado Luiz José da Silva. O Autor não precisa as datas desse acontecimento, mas informações anteriores levam a crer que o fato tenha ocorrido nos últimos anos da década de 20.

No início dos anos 40, o Serviço de Proteção aos Índios volta a criar um novo posto, dessa vez no rio Camanau, onde em 1942, os irmãos Humberto e Luiz Briglia foram mortos pelos índios. Em dezembro de 1946, um novo posto foi criado (Posto Indígena Irmãos Briglia), dirigido por Luiz de Carvalho, casado com dona Cândida, viúva de Luiz José da Silva. Como esta estava em adiantado estado de gravidez, fez-se acompanhar de uma parteira. No dia 24 de dezembro, os índios mataram o encarregado e mais dois funcionários, tendo sobrevivido Dona Cândida, a parteira e um índio aculturado. Segundo o Autor os três teriam sido poupados pela intercessão da primeira que conseguiu escapar com uma flecha encravada no peito.

Uma outra versão desses acontecimentos nos foi narrada, em 1962, por Sotero Ramos, então encarregado do Posto Indígena Trocará. Sotero Ramos, hoje falecido, era casado com uma irmã dos Briglia. As suas informações sobre o primeiro ataque coincidem com as do Autor, mas as que se referem aos fatos de 1946 apresentam algumas divergências: dona Cândida teria sobrevivido porque o índio aculturado refugiou-se no depósito do Posto, onde encontrou uma bomba de efeito moral que disparou ocasionando a fuga dos Waimiri-Atroari.

O objetivo principal do livro em análise é o de demonstrar que as principais vicissitudes dos Waimiri-Atroari iniciaram-se com a construção da rodovia BR-174, único elo de ligação terrestre entre o território de Roraima e o resto do país.

O primeiro acontecimento desastroso desse empreendimento foi a atribuição, por parte da FUNAI, ao padre italiano Giovani Calleri, totalmente inexperiente em assuntos indigenis-

tas, da missão de pacificar os arredios silvícolas. Os resultados dessa infeliz expedição que resultaram na morte de 10 de seus onze membros são conhecidos de todos. O relato do único sobrevivente demonstrou que a inabilidade do missionário foi responsável pelo trágico desenlace. Carvalho publica as mensagens enviadas por Calleri e a de número 5, que transcrevemos, mostra também porque a tragédia foi inevitável: "Atroaris 1 — 26/10/68 — 19:00 h — Estamos acampados com os Atroaris na primeira maloca. Foi dura luta, embora usando todos os recursos psicotécnicos de estratégia indigenista, conseguir o que conseguimos, sem abandonar uma lógica honesta a primeira operação. Chegamos às 0:00 horas. Os índios compareceram de repente no rio; inicialmente se apresentaram medrosos e desconfiados, depois nos ofereceram laranjas e beijus, mas não nos permitiram entrar na maloca. Em seguida, vendo a nossa mercadoria, começaram se agitar usando gestos violentos para tirar tudo. Com calma e serenidade e o máximo acordo entre nós, nada foi permitido (o índio bem sabe que isso está no *nosso direito de gente superior.* — o grifo é nosso — só tenta perturbar para conseguir) e o jeito foi resfriar o fogo com o trabalho. Mediante artifícios oportunos provocamos entusiasmo na turma: improvisadamente criou-se um movimento: os índios mesmos descarregaram a canoa, transportaram e ajeitaram toda a mercadoria, limparam uma área de mato (deixamos a eles escolher), bem ao lado da maloca deles construiram para nós um bom barracão e instalaram a antena de rádio e fizemos a eles mesmos pôr em movimento o gerador (...) Pelas 18:00 h, e só naquele momento, fomo-nos oferecer presente pela primeira vez. Porém a distribuição foi organizada em maneira de extinguir qualquer pedido deles, veio a deixar só nosso critério, aproveitamos a alegria para pôr os pés na maloca: contamos cento e mais redes. Amanhã iremos ver. Certo que tudo procederá no mesmo sistema: carregar o índio para resfriá-lo. Que Deus nos ajude." Menos de vinte quatro horas depois estavam todos mortos.

A partir de então a tarefa ficou a cargo de Gilberto Pinto Figueiredo, experimentado indigenista, e as dificuldades encontradas pelo menos na pacificação são atribuídas, segundo Carvalho, ao desrespeito por parte dos construtores da rodovia às normas estabelecidas pela FUNAI: "Não visitar as aldeias; não oferecer presentes aos índios; não caçar no território dos índios; não pescar nas águas dentro do território dos índios; não ser portador de doenças contagiosas; não portar objetos que poderiam atrair a curiosidade dos índios; não portar armas de fogo."

Procedimentos inadequados resultaram, em outubro de 1974, na morte de seis funcionários do Posto Indígena Alalau II, considerado pelo Autor como uma represália por parte dos índios ao comportamento imoral de um mateiro que teria visitado uma maloca. E o prosseguimento das obras, em ritmo acelerado, com as suas máquinas ameaçando o território Waimiri-Atroari foi responsável, finalmente, pela morte de Gilberto Pinto Figueiredo. A esse bravo sertanista fora atribuída uma difícil missão: negociar com um povo a construção de uma rodovia em seu território, ao mesmo tempo que máquinas e soldados armados o invadiam.

É estarrecedor para o leitor (p. 104) saber que um chefe militar estava disposto a uma confrontação armada com os indígenas, pelo menos deixou isto claro num encontro com Gilberto Pinto. Afinal, não seria a primeira vez que isso aconteceria, pois em 1879 esses mesmos índios foram dizimados pelo fogo do 3.º Regimento de Artilharia, sob o comando do brigadeiro João de Barros Falcão. Enfim, quem tem Rondon tem também seus "Custeios".

Mas a história que não foi contada e que no livro oculta-se nas suas entrelinhas é a grave suspeita que Carvalho levanta no episódio da morte de Gilberto Pinto. A única testemunha da tragédia, o índio Ivan, a assistiu de longe com visão tolhida pela neblina da manhã, e o que recorda é de Gilberto gritando e gesticulando no meio de uma tremenda fuzilaria. Que fuzilaria seria essa? Os Waimiri-Atroari não possuíam armas de fogo. Teria Gilberto perdido o controle sobre seus homens que, apavorados pelo ataque, utilizaram-se de sua arma, procedimento este inédito na história do indigenismo? Seriam fogos de artifício utilizados para afugentar os índios? Ou teria sido Gilberto eliminado por terceiros que consideravam o seu método de pacificação muito lento? O livro não nos fornece nenhuma resposta e gostaríamos que a última hipótese nem fosse possível de ser imaginada. Mas, entre os argumentos do Autor, existe um fato que não pode ser desprezado: os índios que visitavam o Posto, desde a véspera, estavam acompanhados de suas mulheres e filhos, conforme comunicação radiofônica da própria vítima. Em nenhuma outra ocasião ocorreu um ataque nestas circunstâncias. Todas as vezes que agiram agressivamente estavam reunidos em grupos exclusivamente de adultos masculinos.

A estrada foi construída e os índios hoje perambulam por suas imediações, acessíveis ao contágio dos vícios e das doenças dos brancos. O que Carvalho conclui é que, afinal, foi inútil

o sacrifício de tantas vidas que se dedicaram a tarefa de efetivamente proteger os índios.

A amargura do Autor, presente em todo o desenrolar do depoimento, poderia ser parcialmente compensada se ele entender que o seu trabalho contribuiu para mostrar que no meio dos horrores e vergonhas, componentes da história das relações entre índios e brancos no Brasil, existe espaço para páginas do mais legítimo heroísmo, escritas por homens que levaram às últimas conseqüências os postulados de Rondon. O seu depoimento serviu para retirar do anonimato muitos dos heróis, embora não tenha feito menção ao número e aos nomes daqueles que morreram com Gilberto Pinto. E serviu, também, de exemplo para que outros indigenistas relatem as suas experiências, deixando a humildade de lado, para que complete a história do indigenismo brasileiro. Quando então surgirão muitas outras histórias que ainda não foram contadas, porque, como dissemos no início, entre todos aqueles que têm contato direto com os índios são os sertanistas, os indigenistas, os que têm menos utilizado dos depoimentos escritos que narram as suas participações. Participações que podem ser tão valiosas e épicas como a de Telésforo Martins Fontes que, em 1936, lutou de armas nas mãos para defender as terras dos Hãe-Hãe, na Bahia, contra os mesmos inimigos que em 1982 voltam a atacar. Mas o velho sertanista morreu em 1977 sem conseguir realizar o seu sonho de pacificar os Arara e de contar a sua história.

Voltando aos Waimiri-Atroari, apesar das ameaças presentes denunciadas por Carvalho, entre elas a inundação de parte do território pelas águas da barragem de Balbina, estamos torcendo para que a condição do Autor esteja errada, quando afirmou que "em pouco tempo, se a política não mudar, só ouviremos falar dos Waimiri-Atroari, através da bibliografia em citações nas bibliotecas". Felizmente muitos antropólogos já erraram ao formularem previsões tão pessimistas quanto estas...